

“EXECUÇÃO JÁ ERA UMA DECISÃO DO POVO”

Numa unidade de produção da cidade de Maputo, realizámos uma mesa-redonda com quatro operários, a propósito da execução dos assassinos do Povo.

Os operários Samuel Sechene, Joel Psungo, Fernando Pondja e Azar Mahumane, expuseram as suas opiniões sobre as medidas tomadas pelo Tribunal Militar Revolucionário.

TEMPO — O que pensam da medida tomada de executar os 10 agentes do inimigo, implicados em crimes contra a segurança do Estado e do Povo?

Samuel Sechene — As medidas tomadas correspondem à opinião da maioria. No princípio pensávamos que todos os bandidos podiam ser reeducados quaisquer que fossem os crimes. Mas a coisa piorou porque a política de clemência era mal interpretada por alguns. Isso animou a acção dos sabotadores que pensavam que beneficiavam sempre das medidas de clemência.

Joel Psungo — É verdade. Na minha opinião estas medidas não podem atrasar. Não podemos dar almoços e jantares aos assassinos do Povo. Devem ser fuzilados mal sejam julgados. Nós ficámos muito contentes com as medidas que nos dão garantia de que a vigilância do Povo tem os seus frutos. Os mercenários sabem que a partir de agora se são apanhados são mortos. A coragem deles vai ficar muito mais pequena.

Fernando Pondja — Eu estou de acordo. Há um pequeno grupo que não concordará com as medidas. Os que não apoiam seguem linhas reaccionárias. O fuzilamento é uma instrução para os outros que querem seguir a linha de sabotagem.

Azar Mahumane — A decisão do Tribunal Militar Revolucionário já tinha sido decisão do Povo. Nós esperávamos estas medidas.



«A coragem dos reaccionários vai ficar muito pequena» — afirmaram os trabalhadores

O fim daqueles assassinos tinha que ser esse e é uma lição para os outros que iam fazer esses crimes.

Samuel Sechene — Queria referir outro aspecto: nos bairros apanhávamos ladrões e às vezes no dia a seguir estavam soltos ...

T — Você acha que todos os bandidos deviam ser fuzilados?

Samuel Sechene — Não. Claro que não.

Azar Mahumane — Até porque as medidas variam segundo a gravidade dos crimes. Por exemplo, a «Lei dos Crimes contra o Estado e o Povo» diz: para tal crime, tantos anos de prisão ...

Samuel Sechene — Sim. Mas eu ainda não tinha acabado de falar. O que eu digo é que para os pequenos ladrões devem ser aplicadas pequenas medidas. Mas devem ser sempre aplicadas, para que eles

não cresçam e se tornem grandes bandidos. Os ladrões dos bairros quando crescerem são candidatos a assassinos do Povo.

Joel Psungo — Sim. Sabemos que muitos dos lacaios que saem da Rodésia, são recrutados entre ladrões e bandidos.

Fernando Pondja — Num encontro que tivemos aqui na empresa disseram-nos que muita gente teria morrido se os agentes inimigos tivessem conseguido destruir os depósitos de gasolina lá na Beira. A nossa vigilância é uma arma que não pode descansar. O inimigo que temos é assim mesmo como eram antigamente os comandos e os Pides.